xv abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM *VOCÊ VAI VOLTAR PRA MIM E OUTROS CONTOS*, DE BERNARDO KUCINSKI

Cecília Guedes Borges de Araujo[1] (UESPI)

Fabrício Flores Fernandes[2] (UESPI)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral analisar as formas de representação da violência em "Sobre a natureza do homem", "Joana" e "Você vai voltar pra mim", da coletânea *Você vai voltar pra mim e outros contos*, de Bernardo Kucinski; bem como refletir sobre os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do trauma e da dor na constituição das personagens de Kucinski. A análise leva em conta, inicialmente, as ideias de Candido (2011), que propõe o estudo da internalização de problemas sociais pela obra, levando em conta fatores contextuais e psíquicos como agentes na literatura, ou seja, elementos constituintes do enredo. Os contos tematizam histórias de vítimas da opressão do período da ditadura militar que foram torturadas e encaminhadas a tratamentos psiquiátricos, e cujos depoimentos, subsidiados pelas memórias, foram utilizados para a tentativa de compreender os acontecimentos e trazê-los para debate público. Segundo Ginzburg (2012), os relatos de violência surgem associados a uma atenção crítica às diferentes formas como ela ocorre, entre as quais, o estudo do testemunho, que se associa na tradição com a figura do mártir, o sobrevivente de uma provação. Por isso, entende-se que o discurso da dor é carregado de fissuras, e, como lembra Viñar (1992), a fala de quem foi submetido à violência carrega uma ferida que concerne a toda a humanidade. Assim, estuda-se aqui a maneira como a arte busca interferir no debate sobre a ditadura militar, a tortura, o trauma e a dor, ao mesmo tempo em que procura o discurso mais apropriado para representar o sofrimento e a violência.

Palavras-chave: Violência. Trauma. Narrativa.

Introdução

A coletânea *Você vai voltar pra mim e outros contos*, de Bernardo Kucinski, é composta por vinte e oito contos. Neles, o narrador ora é personagem, ora é observador, mantendo as personagens centrais dos contos sob sua ótica. O título sugere uma temática

[1]Mestranda em Letras - Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
[2] Orientador e Professor de literatura – Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

romântica, no entanto, subverte-a ironicamente ao abordar temas como tortura, dor e violência, predominantes na obra.

Ao analisar-se uma obra cuja centralidade temática gira em torno da violência, é importante abordar a forma como ela é representada. Nos contos em questão, a ênfase recai no narrador, por esse motivo, é importante estudá-lo, porque há a sua visão no enredo, suas impressões e até conclusões.

Narrar um evento de horror e violência não é tarefa fácil, o autor aborda na sua coletânea episódios de terror, violência e trauma de vítimas da ditadura militar no Brasil. Os contos aqui analisados são: "Sobre a natureza do homem", "Joana" e "Você vai voltar pra mim". Diante disso, Ginzburg (2012) afirma que o estudo do narrador de episódios violentos é relevante para que se tenha um posicionamento na obra. Por exemplo, o narrador é contra (como em *Infância*, de Graciliano Ramos) ou a favor (como em "Passeio Noturno", de Rubem Fonseca) da violência?

Outro questionamento a ser feito e analisado é: por que um ser humano agride o outro? Essa e outras questões são de suma importância para principiar a discussão da problemática da violência em contos ambientados no período da ditadura militar no Brasil, representada pelas torturas a jovens militantes ou mesmo a simples suspeitos.

A representação da violência

Candido (2011), em *Literatura e sociedade*, investiga a relação da ficção com o contexto social. Segundo ele, os historiadores procuravam mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de exprimir ou não certos aspectos da realidade. Mais tarde, sua integridade passou a estar no terreno da crítica literária, levando, assim, à análise da intimidade das obras e ao interesse em averiguar que fatores atuam em sua organização interna. Dessa forma, os fatores sociais e psíquicos atuam como agentes da estrutura, como no romance *Senhora*, de José de Alencar, isto é, a sociedade é estudada por meio do roteiro do romance. Candido aplica, assim, uma análise sociológica, mas partindo dos elementos internos.

A sociedade tem grande valor e significado na obra, e seu estudo deve ser feito de forma aprofundada, como propõe Candido (2011), levando em conta os fatores sociais como

agentes na literatura, como elementos do enredo da história, bem como uma análise literária e não simplista, ou seja, abordando apenas o social e o contexto histórico.

A violência em "Sobre a natureza do homem", "Joana" e "Você vai voltar pra mim"

No conto "Sobre a natureza do homem", Rui é o narrador-personagem, advogado, militante que pertencia à organização e colega de faculdade de Imaculata, em quem a história será centralizada, pois se trata da sua vida, uma universitária e simpatizante de movimentos militantes. Seu nome faz referência a alguém sem mácula, sem pecado, remetendo ao sagrado. Por esse motivo, a personagem mantém um comportamento passivo e apático em todo o conto.

Tudo começa com um telefonema de Rui à casa de Imaculata, para tratar dos papeis do processo de indenização, quando ele então percebe que ela está muito doente, pois não fala mais ao telefone (e tudo deve ser resolvido com seu advogado), como se lê no fragmento: "- É melhor o senhor falar com o advogado, ela não fala com ninguém, está muito doente. Não imaginava que Imaculata tivesse chegado a este ponto de não poder falar ao telefone." (KUCINSKI, 2014, p. 44)

O narrador relata então como a conheceu: ambos gostavam de conversar após as aulas sobre cinema, literatura e filosofia; em um desses dias, eles foram seguidos. Imaculata foi seguida até o ônibus, e Rui, até próximo à biblioteca da universidade, quando conseguiu disfarçar e enganar o perseguidor; mas ela foi pega, torturada e levada à prisão. Rui foi transferido de cidade, passou a viver como um clandestino, com documentos falsos, com outro visual para disfarçar, mas, assim como ela, foi capturado e levado para a mesma prisão, mas em ala diferente.

Na prisão ele viu o estado humilhante em que estava sua colega de faculdade. Ela não era mais a mesma, passava o dia sentada numa cadeira, abatida, como se estivesse esperando a hora de morrer, imóvel e muito machucada. Viveu três anos na cadeia nesse estado, sem demonstrar sentimento ou reação, até que foi solta. O narrador preocupa-se em descrever as personagens, sem detalhar muito o contexto histórico da ditadura militar, mas deixando clara a posição em que se encontra, de testemunha da vítima torturada, Maria Imaculata. Rui então

pergunta ao advogado o que aconteceu após a prisão de Imaculata, e ele responde com o fragmento:

> - Nas duas primeiras semanas, Maria Imaculata foi muito torturada. A equipe que a interrogava foi de uma selvageria sem limites. Depois a trancaram numa solitária. Então, mudou a equipe e pegavam mais leve, vez ou outra. Mas a expectativa de ser torturada de novo e de novo fez mais estragos nela do que a tortura física. A Imaculata se apagou, ficou abúlica. (KUCINSKI, 2014, p. 47)

Segundo Viñar (1992), a tortura é um instrumento que subjuga o oponente, e seu objetivo é destruir a articulação entre o corpo e a linguagem. Durante muito tempo, vítimas da opressão do período da ditadura militar foram violentamente torturadas, assim como Imaculata, e seus depoimentos, subsidiados pelas memórias, foram utilizados como base a fim de compreender esses acontecimentos e lembrar o que ocorreu em determinada época, como uma investigação da obra. Os relatos testemunhais surgem associados a abusos do Estado, em solidariedade a vítimas e em atenção crítica à violência, bem como afirma Marco:

> Relatos dos sobreviventes foram e são considerados fontes ou documentos para a reflexão em diferentes áreas do pensamento: na psicanálise, na filosofia, na história, na sociologia, na teoria literária, na linguística e no direito. Nesses terrenos, com diferentes formulações encontram-se alguns paradoxos constantes. Como narrar o horror dos campos de concentração, se os que o viveram inteiramente não sobreviveram para contar? Os que sobreviveram enfrentam o dilaceramento entre a culpa por ter sobrevivido e o imperativo ético da necessidade de narrar sem trair a verdade. (MARCO, 2004, p. 55)

Essa afirmação justifica a importância de se discutirem e relatarem situações em que trauma e violência são protagonistas. O ato de testemunhar nem sempre procede de quem viveu todas as dimensões da tortura, pois essas não sobreviveram para contar. Isso se constitui em uma carga a mais de responsabilidade para quem sobrevive, pois precisa narrar por si e pelos que já não podem, além de carregar certa culpa por tal condição.

É importante destacar que o estudo da temática da violência na literatura não se dá somente a partir de cenas em que acontecem situações de agressão e crimes, mas há também preocupação com suas consequências. Do ponto de vista da teoria literária, isso implica investigar as escolhas formais do escritor, a linguagem implicada na representação. Há também a visão do narrador nos romances, a perspectiva a partir da qual as cenas de violência

são narradas. Ginzburg (2012) exemplifica na literatura a presença dessas temáticas e suas relações com o campo ficcional. Dessa forma, acerca da temática da violência, o pesquisador afirma:

> A palavra violência é empregada de diversas maneiras. É comum falar em violência simbólica, ou violência psicológica, para fazer referência a situações de intimidação verbal ou humilhação grave em um ambiente público. O impacto da palavra também remete a vários campos de desumanização e hostilidade, como a generalização da miséria, exploração de crianças e a imposição da fome. Trata-se de uma palavra que é chamada para se falar frequentemente de situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir. Podemos falar, de acordo com Xavier Crettiez, em violência estrutural, para descrever sociedades em que sistematicamente expectativas coletivas são frustradas. (GINZBURG, 2012, p.10)

Tal afirmação descreve a violência e suas materializações, sejam físicas, simbólicas ou psicológicas. Esta temática de tamanha complexidade causa revolta e também a dificuldade em descrevê-la. Na verdade, não há meios de expressão que apreendam a violência em sua desumanização, como afirma o teórico.

Relata-se que as vítimas da violência do Estado ditatorial responderam às torturas com seus discursos reais e fiéis, ainda que depois de muito tempo, mas esses depoimentos orais ou escritos contribuem para o conhecimento social contemporâneo. É como colocar em prática o que afirma Tolstoi sobre a moral nas histórias, o enredo é utilizado para a consciência do leitor, e, se esse leitor se depara com uma história acerca dos discursos testemunhais de judeus, por exemplo, esses relatos ficcionais são também uma forma de construir na sociedade um pensamento contra as repressões.

O indivíduo traumatizado confunde o real com o irreal, por isso que muitos entram em estado de choque, têm pesadelos recorrentes, alucinações e até depressão. É um estado de risco que a vítima corre, podendo fazer coisas terríveis a ela e aos mais próximos. A constituição psíquica fica muito afetada, e as consequências são de fato devastadoras para todos. A impunidade dos perpetradores da violência amplifica a dor. Maria Imaculata sofre psíquica e fisicamente, como se lê no trecho a seguir, quando sua família a interna numa clínica para tratamento:

> Mas aconteceu que a Imaculata foi violentada repetidas vezes por dois pacientes. Eles se revezavam. Um a agarrava e tapava sua boca, o outro a

> estuprava. Isso durou meses. Ela não conseguia dizer nada, ficava em estado catatônico. Até que engravidou. Só então descobriram o que estava acontecendo. Quando a criança nasceu, um menino, ela sofreu um novo transtorno de personalidade, uma ruptura mental. Ora acalentava a criança, dava de mamar, trocava a fralda e banhava, ora a agredia. Tiveram que separá-la do filho. (KUCINSKI, 2014, p. 48)

A descrição das consequências da tortura, empreendida neste conto com uma certa objetividade, faz ressaltar o horror da violência repressiva. A personagem se trata apenas de uma simpatizante das organizações militantes, universitária que discute toda semana acerca de temas filosóficos, como a natureza do ser humano, que dá nome ao conto de Kucinski. O título também causa no leitor a reflexão de que o homem é capaz de agredir, ferir e sentir prazer na violência direcionada à própria espécie. O conto, além de discutir a representação da violência, também faz pensar sobre a natureza do ser humano, seus limites e incongruências.

Na análise da representação da violência, é frequente o aparecimento na trama da ficcionalização de suas consequências, tais como a melancolia, cuja causa, entre outras, consiste na impossibilidade de despedir-se de uma pessoa devido à ausência do corpo. Quando alguém não vive o luto pela perda de um ente querido, subsiste nesse indivíduo o sentimento de não-aceitação do fato. Muitas vezes isso ocorre em casos de tortura, em que a vítima é exposta a um evento traumático.

Kucinski, em “Joana”, aborda a vida da personagem homônima, a qual perde o marido ainda jovem para a polícia, que, sem mandado de prisão, entra na sua casa e o leva sem nenhuma chance de defesa. O conto é narrado pelo seu advogado, que cuidou do caso de seu marido Raimundo, pois ele foi espancado até a morte e, além disso, teve o corpo ocultado, resultando em vários crimes: homicídio doloso e qualificado, abuso de autoridade e ocultamento de cadáver. O advogado narra a história da personagem em primeira pessoa, observa-a vagando nas ruas atrás de informações sobre Raimundo, ao mesmo tempo que apresenta a personagem, como na passagem abaixo:

> Não pensem que ela seja louca. Nada disso. É uma mulher normal, um pouco maltratada pela vida, como toda mulher pobre, mas rija, de cabeça boa, com dois filhos e quatro netos, todos saudáveis. Joana recebe uma pensão do Estado por tudo o que aconteceu. Foi justamente dos trâmites desse processo que eu tratei. Mas faz questão de trabalhar. Além de cuidar

> dos netos, é atendente de uma floricultura por meio período. (KUCINSKI, 2014, p. 58)

No trecho acima, o narrador apresenta-se como o advogado responsável pelo caso de seu marido e testemunha a vida de Joana. Trata-se de uma mulher que vive o sofrimento da perda de seu amor de juventude de forma brutal e incompreensível, esta perda que Joana não é capaz de aceitar, acarretando seu estado melancólico. Diante dessa situação, ela recebe uma indenização do Estado, mas isso não a convence de que Raimundo esteja morto, como no trecho a seguir:

> Embora o próprio cardeal tenha assegurado a Joana que o marido foi espancado até não restar nele sopro de vida, ela não aceitou que ele tivesse morrido. Cadê o corpo?, ela perguntou. E sempre pergunta. Diz que só vai se considerar viúva no dia em que trouxerem o atestado de óbito de Raimundo e mostrarem sua sepultura. (KUCINSKI, 2014, p. 59)

Joana não aceita o atestado de óbito dado pelo Estado, ela acredita que seu marido foi espancado, ficou desmemoriado pelas ruas e perdido. Por isso, toda semana sai à noite à sua procura com uma foto, perguntando por ele aos moradores de rua, que já a conhecem e sabem que ela é incansável. Ela permanece presa ao evento traumático, sua vida não fez mais sentido e ela só aceitará a morte de Raimundo quando reconhecer seu corpo.

> Temos então o corpo assassinado, objeto indefeso de alguém que pretendeu "anular a alteridade do Outro absolutamente". Mas não conseguiu, pois mesmo o corpo assassinado é resto e prova "de que o Outro, combalido em toda sua dignidade de ser, mantém intocada sua condição de ser Outro com morte". (KEHL, 2004, p. 12)

Devido à ausência do corpo do marido, Joana estagna no tempo do evento traumático, não conseguindo superar e aceitar sua morte. Para Kehl (2004), um corpo assassinado é a anulação da alteridade do outro, mas mesmo assim o corpo, ainda que ocultado, é prova de que havia vida nele. A inexistência do corpo não significa a inexistência do crime que nele foi cometido.

A violência em "Joana" é representada de forma psicológica e simbólica, pois a personagem central do conto não sofre tortura e violência físicas, mas é torturada psicológica

e emocionalmente, porque teve seu marido torturado e desaparecido, vítima de injustiça e abuso do Estado.

Dessa forma, a personagem central do conto vaga sonâmbula pelas ruas, pois, desde o espancamento e morte de Raimundo, não consegue viver plenamente. Assim, vive em "peregrinação", como um costume religioso, há vinte e seis anos, saindo à noite à procura de seu marido desaparecido, como se lê no trecho a seguir:

> É como se uma força superior a fizesse se levantar automaticamente e sair errante pelas ruas à procura do marido. Quase como uma sonâmbula. Ou como se estivesse pagando uma promessa. Não sei definir, sou advogado e não psicólogo, só sei dizer que é uma necessidade psíquica dela que todos respeitamos. Inclusive os filhos. (KUCINSKI, 2014, p. 60)

A fala do narrador, advogado de Joana, é como um testemunho que analisa externamente a vida da personagem, tirando a conclusão de que ela sai incansavelmente à procura do marido movida por uma força superior que a motiva a acreditar que é possível encontrá-lo com vida. O fato de Joana nunca ter visto o corpo de Raimundo é um alento, apesar de não tê-lo presente há anos, pois assim ela se permite acreditar com mais forças que ele pode estar apenas desmemoriado, vagando pelas ruas.

No conto, abordam-se as diferentes consequências da violência. Por um lado, a violência se dá a partir da tortura que sofre Raimundo, metalúrgico, nordestino, ligado a um grupo da Ação Popular relacionado aos operários das fábricas. Por outro, a melancolia está diretamente ligada à violência como sentimento e reação diante da dor da perda. Nesse sentido, Ginzburg (2012, p. 48) afirma que "O melancólico estaria portanto em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir do qual vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano". Essas características da melancolia são evidentes no comportamento de Joana.

Em "Joana", o narrador observa o transcorrer das cenas. A ausência do corpo não permite o processo saudável de um luto bem-sucedido, capaz de mudar a estrutura emocional da vítima ou vítimas psicológicas, que podem ser parentes ou pessoas queridas. Para isso, é importante que se tenha o conceito de "corpo", o que de fato é e o que representa. Kehl escreve sobre ele no prefácio da obra *O corpo torturado*:

> Mesmo um corpo em mau funcionamento, doente, restrito em seus movimentos e em sua capacidade de trocas com o meio continua sendo um corpo. Um corpo deformado por doença ou acidente, em cuja imagem o indivíduo custa a se reconhecer e evita apresentar-se aos outros, ainda é seu corpo. Um corpo que se contorce no extremo da dor ainda é um corpo. Um corpo morto é um corpo: chamamos de corpo o cadáver que a vida já abandonou. Um corpo ferido, torturado, esquartejado, virado ao avesso, rompida a superfície lisa e sensível da pele, expostos os órgãos que deveriam estar bem abrigados – ainda assim isso que nos aproxima do horror e nos remete ao limite do Real continua sendo um corpo. (KEHL, 2004, p. 9)

Kehl (2004) afirma de forma bem clara os limites da percepção do que seja um corpo. Sua presença é que representa para Joana o que nada mais pode representar, e que nenhum documento que afirme o óbito de seu marido, por si só, pode substituir. Por esse e por outros motivos, os efeitos da tortura vão muito além da violência física, como descreve Ginzburg (2012), mas consistem também no que permanece depois da tortura e da violência.

"Você vai voltar pra mim", por sua vez, é o conto central da coletânea, daí emprestar-lhe o título. Trata-se de uma história de tortura a uma mulher que não tem seu nome revelado. Presa no Dops, está a caminho da audiência com o juiz. O título sugere que se trata de uma história de amor, com motivos de sobra para a emoção. No entanto, a realidade é que não tem a ver com romance e sim com a tortura durante a ditadura militar.

O narrador, em terceira pessoa, descreve o dia da audiência com as violências sofridas pela vítima, tudo o que ela passou quando estava presa, em cenas fortes de tortura e dor. A relação entre torturador e vítima é representada de forma conflitante e doentia, com termos de baixo calão, gritos, desespero e muitas ameaças, como na fala inicial do conto: "- Veja bem o que você vai dizer, não esqueça que depois você volta pra cá; você volta pra mim – ele repetiu" (KUCINSKI, 2014, p. 69).

"Você vai voltar pra mim" trata dos meandros da ditadura e da ausência de garantias constitucionais. A personagem central é julgada, e, no início da audiência, procede conforme a recomendação do advogado, mas, no intervalo, decide contar tudo o que faziam com ela, como no trecho abaixo:

> No recesso do gabinete, ela disse tudo. Não conseguiu parar de falar. Mostrou os hematomas nos braços e nos tornozelos, falou das palmadas, dos choques nos seios e na vagina, da ameaça de estupro, da simulação de

> fuzilamento, dos afogamentos, dos onze dias na solitária. (KUCINSKI, 2014, p. 70)

Há nesse trecho a representação da violência quando o narrador descreve por meio da fala da vítima o que faziam com ela, as torturas e as consequências da impunidade dos torturadores. É importante notar que a personagem central desse conto é incansável, luta por sua liberdade, não se entrega à dor e nem ao sofrimento, mas pede que a matem; os torturadores, porém, não veem benefício em matá-la, já que o prazer deles está em agredir e maltratar a vítima de diversas formas.

Segundo Viñar (1992), da perspectiva do poder, a tortura é um instrumento que serve para subjugar o oponente. Nesse sentido, o objetivo é provocar a explosão das estruturas do sujeito, ou seja, acabar com a articulação entre o corpo e a linguagem. É exatamente isso que ocorre em "Você vai voltar pra mim", cuja leitura choca o leitor pela naturalidade com que os agentes repressivos tratam as torturas e as prisões.

Além da violência física a que a personagem é submetida, há também a violência psicológica, o medo de ser torturada, preferir a morte à vida, já que essa representa mais o sofrimento do que aquela. Há a inversão de etapas, o desejo da morte para se livrar da violência, a ameaça de suicídio se voltasse para a prisão em que se encontrava, como no trecho abaixo:

> Por fim, falou da advertência do torturador. Disse que para lá não voltava, preferia morrer. Se a levarem de volta se mata, se atira pela primeira janela; se não tiver janela, se mata batendo a cabeça na parede; se não tiver parede, corta os pulsos; se não tiver com que cortar; morde com os dentes; se não der certo, faz greve de fome até morrer. (KUCINSKI, 2014, p. 70)

As ameaças são constantes, a violência, as torturas e, consequentemente, os traumas. Por isso, "Você vai voltar pra mim" dá o tom geral dos contos, porque apresenta exatamente a ironia que Kucinski estabelece na coletânea: em vez de se tratar de uma história de amor, é na verdade uma narrativa ficcional sobre acontecimentos ocorridos durante o período militar e com diversas histórias de pessoas que sofreram na ditadura, vítimas diretas ou indiretas da repressão.

Diante disso, a relação entre torturador e vítima é de hostilidade, crueldade e frieza. É possível refletir sobre a forma como os policiais tratam as pessoas que não concordam com o Estado, pois a imposição de uma forma de governo ditatorial é perniciosa ao ponto de

colocar homens para agredir e maltratar seu semelhante, alguns dos quais, inclusive, sentindo prazer nisso. Esse sentimento é discutido por Ginzburg (2012), quando ele afirma que há o prazer na violência quando esta é associada à sexualidade, porque há contos eróticos em que há a integração de agressividade e sexo.

Pelo fato de a personagem central do conto declarar sua indignação e testemunhar o que sofria na prisão nas mãos dos torturadores, o juiz determina que seja transferida para um presídio feminino. Com a decisão, ela se acalma e vai para o camburão seguir viagem para o seu novo caminho em outra prisão, agora específica para mulheres. Contudo, nota que é o mesmo camburão, o mesmo caminho de volta e, por fim, o mesmo torturador que declarava que ela voltaria para ele; todo o ciclo continua, as mesmas torturas, ameaças, violência, prisão, o torturador e as risadas, dando continuidade ao terror de preferir morrer do que "viver".

Considerações finais

Você vai voltar pra mim e outros contos apresenta histórias de vítimas da ditadura militar brasileira, trazendo para debate público a repressão durante o regime e sua representação em contos que tematizam vários aspectos da violência daquele período. O estudo do narrador é de suma importância para a discussão de temas como a dor e a tortura na literatura. A partir de seu ponto-de-vista, constroem-se as visões de eventos violentos e traumáticos, sendo possível notar se esse narrador é a favor ou não da violência a partir de sua ótica e impressões.

Este estudo direciona a outras pesquisas sobre a temática da representação da violência. Pode-se indicar o estudo dos demais contos da coletânea, nos quais Kucinski aborda outros aspectos da violência na literatura, a preocupação com as formas de narrar e sua singularidade em envolver o leitor nas histórias ficcionais das vítimas da ditadura militar.

Assim, abordou-se aqui a maneira como a arte busca interferir no debate sobre a ditadura militar, a tortura, o trauma e a dor, ao mesmo tempo em que procura o discurso mais apropriado para representar o sofrimento e a violência. Afinal, uma sociedade que não presta contas com seu passado de opressão e de agressões físicas e psíquicas, que não acolhe as vítimas e que não trata com justiça os agressores de outrora é também uma sociedade fadada

a ver ressurgirem de tempos em tempos os seus fantasmas, vestidos com novas roupas, mas movidos por velhas ideias.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade.* 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia.* Campinas: Autores Associados, 2012.

KEHL, Maria Rita. *Prefácio*. São Paulo: Escritos, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

MARCO, Valéria de. A Literatura de testemunho e a violência de Estado. São Paulo*: Lua Nova*, n° 62, 2004.

VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura*. Tradução: Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.